

Ratifico tudo o que foi escrito,
ao mesmo tempo em que me penitencio pe-
lo muito que falei.
Com a amizade e o abraço afetuosos
Rio, 6.11.97

"Discursos, convém que sejam poucos, se possível, que sejam bons; em qualquer caso, que sejam breves". Esta a advertência do Prof. José Carlos Barbosa Moreira no discurso proferido para a sua última turma de bacharelados da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1996. Prometo cumprir, pelo menos, a advertência final sobre a brevidade.

Fui escolhido para falar em nome e por todos os ex-alunos do Professor José Carlos, por dois motivos: o primeiro em decorrência de erro inescusável de meus pares na indicação da pessoa; o segundo, pelo fato de ser ex-aluno da primeira turma, a de 1972, que o Professor acompanhou e à qual emprestou o seu nome. Falo, portanto, como o mais velho.

Aliás, que ninguém me ouça, sempre existiu uma certa rivalidade *in bonam partem* entre as diversas turmas do Professor José Carlos, cada qual a se proclamar como a preferida e a melhor. Sempre que instado por alunos desta ou daquela turma, o mestre respondia com um sorriso enigmático: "existem muitas moradas na casa do pai!!"

Não pretendo fazer um discurso elaborado, intelectual, profundo em filosofia e muito menos técnico, com citações diversas de autores

estrangeiros como poderia convir a uma cerimônia própria de uma academia inglesa; os dados da biografia do Professor — quando fez a primeira comunhão, se foi crismado — também não serão considerados, por absoluta falta de relevância jurídica. Pretendo imprimir, neste discurso, a mesma marca, a mesma linha que o Prof. José Carlos imprimiu na sua vida como Professor: a da simplicidade, mesmo sendo grande, e do amor pelos seus alunos.

Quero falar de coisas que são comuns a quase todos os seus alunos e, certamente, a todos que aqui estão hoje — da admiração, do carinho, da amizade, da influência que ele exerceu em nossas vidas.

Quero falar do Professor José Carlos Barbosa Moreira.

Lá nos idos de 1968/69, na antiga UEG, então Universidade do Estado da Guanabara, no casarão do Catete, um dia, ao sair de uma aula, passando pelo corredor do 2º andar, parei em frente ao salão nobre, para ouvir a defesa da tese de um jovem. Um jovem um tanto folgado e muito atrevido, que ficava todo o tempo rebatendo com veemência a arguição da Banca. Parecia estar brigando e ao mesmo tempo ensinando aos velhinhos. Desculpem a expressão "velhinhos", mas foi exatamente o que me passou naquele momento e marcou muito a minha vida, pelo enfrentamento, pela didática, pela ironia, e ao mesmo tempo pela elegância do examinando. Foi aí que, pela primeira vez, vi, sem saber ainda o seu nome, o Prof. José Carlos

Barbosa Moreira, que defendia tese para livre docência, intitulada "O Juízo de Admissibilidade no Sistema dos Recursos Cíveis".

Mais tarde, aquele mesmo Professor começou a dar aulas para a nossa turma, no ano de 1971, e as surpresas foram inúmeras. Seria lugar comum dizer que as salas de aula ficavam lotadas e na antiga UEG eram 300 alunos, 150 pela manhã e mais de 150 à noite. Pois alunos de outras turmas, àquela época, já corriam para assistir às aulas do mestre que despontava.

Existem passagens interessantes daquela época que marcam a dimensão do Professor, sua preocupação, eu diria até obsessiva com os seus alunos — vez por outra, para não atrasar as suas aulas, em decorrência do trânsito, estacionava seu carro bem longe da faculdade e vinha em passos acelerados, para não perder um minuto sequer daquele convívio, daquela comunhão. Outra passagem pitoresca que o Professor sequer lembra, mas eu lembro bem, pois tentei fazer experiência semelhante e que foi mal sucedida, ocorreu na turma da noite, quando a luz faltou. O Professor continuou a sua aula com o absoluto silêncio e a atenção da turma, quando o normal seria o que aconteceu com a minha turma: uma absoluta algazarra, só contida depois de algum tempo.

Cada turma tem a sua história, as suas lembranças. Quem não se recorda das figuras que o Professor José Carlos usava para ilustrar as suas aulas? Em 1972, a fábula da Bela Adormecida no Bosque servia de base à compreensão do recurso intitulado "o agravo no auto do processo", parente mais velho do que hoje conhecemos como o agravo retido. Para explicar o efeito devolutivo do recurso de apelação, com a devida venia, o Professor à época usava as curvas da Cláudia Cardinale. Para quem não a conheceu, foi realmente uma mulher muito interessante. Hoje nós teríamos que invocar uma figura mais moderna, sob pena de usando aquela personagem de então desestimular por completo o interesse dos alunos, quanto ao aprendizado do efeito devolutivo do recurso de apelação.

Mas o legado do mestre não foi só a didática, o conhecimento da técnica processual. Muitas foram as lições de vida, de solidariedade, de respeito pelos seus alunos.

O Professor, desde sua primeira turma, sabia o nome de todos os seus alunos. Ele dizia ser "impossível uma relação afetiva entre seres inominados". Daí o esforço que ele fazia para identificar cada aluno, guardando o nome de todos nós e até hoje, menos na memória e mais no coração.

No coração porque todos nós temos alguma coisa que fazemos de melhor. Se fala muito "no melhor lado de uma pessoa" — aqueles

feitos que praticamos de modo mais espontâneo, mais rico, com maior amor. Tenho absoluta certeza, sem medo de errar, que a melhor parte do Professor José Carlos, ele deu para os seus alunos, para as suas turmas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

É certo que o Professor José Carlos foi advogado brilhante, Procurador do Estado ímpar, magistrado incomparável que aliava a técnica a serviço dos fins sociais e políticos que informam o exercício da função jurisdicional. A Quinta Câmara Cível do Tribunal de Justiça, a qual o Prof. José Carlos presidia, era considerada a vitrine do Tribunal. Falo não por ouvir dizer, mas como testemunha, por ter tido o privilégio de trabalhar com o Professor, tanto na Procuradoria-Geral do Estado como no Tribunal de Justiça.

As obras do Professor — sua produção acadêmica — fruto do seu magistério, são conhecidas, certamente, de todos nós. Mas não podemos deixar de mencionar os seus *Comentários ao Código de Processo Civil*; *O Novo Processo Civil Brasileiro*, agora na 19ª edição; *O Litisconsórcio Unitário*; as suas teses de docência e titularidade; o seu *Direito Aplicado* — uma seleção de belíssimos acórdãos. Os ensaios, com um único volume escrito em 1971, e os *Temas de Direito Processual Civil*, agora na 6ª série, sexto volume, todos com estudos que são verdadeiras pérolas, como: *Questões Prejudiciais e Questões Preliminares* (1965); *O Litisconsórcio e seu Duplo Regime* (1968); *A Ação Popular no Direito Brasileiro como Instrumento de Tutela Jurisdicional dos*

Chamados Interesses Difusos (1977); *Regras de Experiência e Conceitos Juridicamente Indeterminados* (1977); *Processo Civil e Direito à Preservação da Intimidade* (1980); *Tutela Jurisdicional do Interesses Coletivos ou difusos* (1983); *A Função Social do Processo Civil Moderno e o Papel do Juiz e das Partes na Direção e na Instrução do Processo* (1984); *Tendências na execução de Sentença e Ordens Judiciais* (1985) *Problemas Relativos a Litígios Internacionais* (1992), e mais recentemente, *Miradas sobre o Processo Civil Contemporâneo* (1995) e *A Constituição e as Provas Illicitamente Obtidas* (1996).

Todas estas obras servem de guia, de ponto de partida, orientação para todos os cultores do direito processual civil no Brasil e mesmo no exterior.

Sobre os escritos do Professor José Carlos, especialmente sobre os Temas de Direito Processual, as palavras do amigo Sérgio Bermudes, dizem tudo:

“... Nenhum de nós conseguirá alçar-se às alturas onde paira, dominante, esse jurista perfeito, convertido, pelo talento, pela aplicação e pela produção intelectual, em mestre e guia de todos. BARBOSA MOREIRA desfruta, na comunidade jurídica nacional, do raro privilégio do acatamento unânime. É sua a palavra definitiva, cuja autoridade não se desafia, nem se discute porque se sabe fundada no mais amplo conhecimento, na investigação

minuciosa, demonstrada neste livro, como em todos da sua lavra, pelas notas opulentas, reveladoras do que há de bom e atual na doutrina e na jurisprudência hodiernas de todo o mundo ...”

Mas, era em sala de aula que o Professor se transformava. Suas lições, verdadeiras obras de arte, ofuscavam todo o resto. Não seria exagero afirmar tratar-se de uma graça divina e não de um esforço humano.

Ele conseguiu e consegue até hoje, apesar da distância, manter um grande número de alunos em permanente contato. Um vínculo, como ele afirma, que transcende o plano da comunicação para o de uma verdadeira comunhão.

O Professor José Carlos foi muito além de um Professor que passa e repassa conhecimentos; fez, citando uma expressão que ele gosta de utilizar, a cabeça de muitos.

Só na UERJ, além de quase todos os Professores do Departamento de Direito Processual serem ex-alunos do Mestre, outros tantos ministram aulas em disciplinas diversas.

O Professor conseguiu alcançar o que eu considero pleno na vida de um Mestre: servir de imagem, de referência, despertar vocações, mesmo àqueles que a tinham em pequena escala.

O embrião da escola processual de Copacabana, composta nas suas origens por dois únicos personagens, o Prof. José Carlos e seu mestre Luiz Machado Guimarães, germinou e deu frutos, fez discípulos.

Não pode haver glória maior para um mestre do que a de ver e a de assistir os seus discípulos a passar aqueles ensinamentos que com tanto despreendimento e amor inculuiu-lhes.

Nós, seus alunos e discípulos, levamos e guardamos, como dizia o grande Milton Nascimento, “debaixo de sete chaves, dentro do coração”, esta melhor parte do mestre, e a dividimos com os nossos alunos, que se incorporam também a essa grande família espiritual. O Professor e D^a Gilka têm netos espirituais, alunos de seus alunos, que hoje lecionam na nossa Faculdade e nas várias outras espalhadas pelo Brasil afora.

Não foi por acaso que tudo isso aconteceu. O Mestre cumpriu a promessa que fez sucessivamente às suas diversas turmas, desde 1972, “de que a partida, a formatura não representava um fim, mas sim um novo começo”. Na formatura da última turma — 1996, voltava ao tema dizendo a seus

alunos: "não se livrarão de mim com tamanha facilidade. Hão de consentir — como, para meu imenso júbilo, vêm consentindo tantos e tantos bacharéis de anos anteriores — que eu os acompanhe mais um pouco, o máximo que prouber a Deus, se nem sempre com os olhos, pelo menos sempre no coração".

E assim tem acontecido com grande parte de seus ex-alunos. Os que tiveram e os que têm o privilégio de conviver não só com o mestre, mas também com D^a Gilka, que adotou com imenso carinho e com amizade sincera, que transcende e supera o plano técnico-jurídico, os filhos espirituais do Professor José Carlos. A ela o nosso reconhecimento, admiração, carinho e gratidão.

É comum ver o Professor José Carlos e D. Gilka participando de festividades diversas que envolvem seus ex-alunos: casamentos, aniversários e jantares comemorativos.

Não foram poucos aqueles que de uma forma ou de outra tiveram a ajuda espontânea e sem alarde, o carinho, a mão do Professor, seja na vida profissional, seja em outras situações do dia-a-dia.

O Professor fez discípulos, alcançou a afeição de todos os seus alunos e cultivou, juntamente com D^a Gilka, a amizade de muitos, tantos

quantos era possível. Estas situações que o Professor considera verdadeiros dons, graças, foram recolhidas por ele — são essas as suas palavras — “com a alma em alvoroço e guardada entre os troféus mais caros da sua vida espiritual, como gema de preço inestimável”.

Uma das poucas discordâncias que temos — falo por todos, penso, é com o fundamento que o Professor utilizou para aposentar-se. Dizia o mestre: “eis que é chegada a oportunidade de passar da intenção ao ato. Os cantores devem ter a sabedoria de sair de cena antes de começarem a desafinar nos agudos, os jogadores de futebol, a de pendurar as chuteiras antes de começarem a perder, sucessivamente, cobranças de penaltis. Também para os professores existe um momento apropriado, que seria pouco sábio passar em brancas nuvens. Não parece nada invejável a sorte de quem, tendo podido retirar-se enquanto ouvia lamentar a partida como prematura, cometa a suprema imprudência de demorar-se, correndo o risco de ouvir, com o andar do tempo, outra espécie de lamentações.”

Se quanto a este fundamento discordamos, por outro lado reconhecemos que o Professor pode dar por cumprida, pelo menos no dia-a-dia da UERJ, a sua missão, com folga e com crédito.

Agora, o Professor pode cumprir uma série de compromissos no exterior e no Brasil — que eram relegados a um plano secundário, diante de seu compromisso acadêmico na UERJ.

Nós, seus alunos, temos que admitir que é hora de permitir a democratização do Professor, dividi-lo com outros tantos, que não tiveram o privilégio de tê-lo como Professor exclusivo por anos a fio.

Em razão da nossa comunhão com o Professor, nos orgulhamos de suas vitórias, dos títulos que alcançou, dos cursos e das conferências que a todo tempo está ministrando no exterior. Do mesmo modo, Professor, que o Sr. se realiza e vibra com os feitos dos seus alunos, eles se rejubilam com a sua fama. É como se uma parte de nós estivesse presente junto com o senhor neste momento. Seus feitos também são nossos.

Sei como foi dura esta sua decisão de aposentar-se, e das saudades que tem das salas de aula, onde, de acordo com as suas palavras, “transcorreram muitas das horas mais felizes de sua vida”.

Mas uma coisa é certa: aqui estamos nós e continuaremos sempre juntos, aqui e acolá, se nem sempre com os olhos, pelo menos sempre no coração.

Juntos, conseguimos, todos, superar distâncias e prioridades. Conjugamos o verbo amar na sua acepção mais pura.

Esta reunião de alunos de todas as suas turmas representa um testemunho dessa verdade tão bem sintetizada na poesia de Carlos Drummond de Andrade:

"Além da terra, além do céu,
no trampolim do sem fim das estrelas
no rastro dos astros
na magnólia das nebulosas
Além, muito além do sistema solar,
até onde alcançam o pensamento e o coração
vamos conjugar
o verbo fundamental, essencial,
o verbo transcendente, acima das gramáticas
e do medo e da moeda e da política
o verbo sempreamar
o verbo pluriamar
razão de ser e de viver.

Não quero que este discurso seja de tristeza, mas sim de emoção, de alegria por estarmos juntos e quero encerrá-lo, falando, para o casal, agora em nome de todos, da própria Faculdade de Direito — alunos,

funcionários e Professores — do mesmo modo e com as mesmas palavras que o Professor utilizou quando se despediu de sua primeira turma, da minha turma de 1972.

“Ides agora dispersar-vos; mas só fisicamente é que nos vamos, em certa medida, ~~nos~~ separar. As marcas impressas em vós e em nós pela comunhão a que me referi, essas já se incorporaram ao próprio ser de cada qual, e desafiam tempo e distância. Juntos, mercê de Deus, fizemos algo de belo, e, como cantava o poeta: A thing of beauty is a joy forever. Despeçamo-nos, pois, em alegria. Parti: algo de nós vos acompanha, muito de vós fica conosco. Parti. Sede Felizes.”

Outubro de 1997

Paulo Cezar Pinheiro Carneiro